

JOSÉ GOLDEMBERG
PRESIDENTEEDUARDO MOACYR KRIEGER
VICE-PRESIDENTE**CONSELHO SUPERIOR**CARMINO ANTONIO DE SOUZA, EDUARDO MOACYR
KRIEGER, FERNANDO FERREIRA COSTA, JOÃO FERNANDO
GOMES DE OLIVEIRA, JOÃO GRANDINO RODAS, JOSÉ
GOLDEMBERG, MARILZA VIEIRA CUNHA RUDGE, JOSÉ DE
SOUZA MARTINS, JULIO CEZAR DURIGAN, PEDRO LUIZ
BARREIROS PASSOS, PEDRO WONGTSCHOWSKI, SUELY
VILELA SAMPAIO**CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO**CARLOS AMÉRICO PACHECO
DIRETOR-PRESIDENTECARLOS HENRIQUE DE BRITO CRUZ
DIRETOR CIENTÍFICOJOAQUIM J. DE CAMARGO ENGLER
DIRETOR ADMINISTRATIVO**Pesquisa**
FAPESP

ISSN 1519-8774

CONSELHO EDITORIALCarlos Henrique de Brito Cruz (*Presidente*), Caio Túlio Costa,
Eugênio Buccì, Fernando Reinach, José Eduardo Krieger,
Luiz Davidovich, Marcelo Knobel, Maria Herminia Tavares de
Almeida, Marisa Lajolo, Maurício Tuffani, Mônica Teixeira**COMITÊ CIENTÍFICO**Luiz Henrique Lopes dos Santos (*Presidente*),
Anamaria Aranha Camargo, Ana Maria Fonseca Almeida,
Carlos Américo Pacheco, Carlos Eduardo Negrão, Fabio Kon,
Francisco Antônio Bezerra Coutinho, Joaquim J. de Camargo
Engler, José Goldemberg, José Roberto de França Arruda, José
Roberto Postali Parra, Lucio Anghes, Marie-Anne Van Sluys,
Maria Julia Manso Alves, Paula Montero, Roberto Marcondes
Cesar Júnior, Sérgio Robles Reis Queiroz, Wagner Caradori do
Amaral, Walter Colli**COORDENADOR CIENTÍFICO**

Luiz Henrique Lopes dos Santos

DIRETORA DE REDAÇÃO

Alexandra Ozorio de Almeida

EDITOR-CHEFE

Nelson Marcolin

EDITORES Fabrício Marques (*Política*), Márcio
Ferrari (*Humanidades*), Marcos de Oliveira (*Tecnologia*),
Ricardo Zorzetto (*Ciência*), Carlos Fioravanti e Marcos
Pivetta (*Editores especiais*), Bruno de Piere (*Editor-assistente*)**REVISÃO** Alexandre Oliveira e Margô Negro**ARTE** Mayumi Okuyama (*Editora*), Ana Paula Campos
(*Editora de infografia*), Júlia Cherem Rodrigues e
Maria Cecília Felli (*Assistentes*)**FOTÓGRAFOS** Eduardo Cesar, Léo Ramos**MÍDIAS ELETRÔNICAS** Fabrício Marques (*Coordenador*)**INTERNET Pesquisa FAPESP online**Maria Guimarães (*Editora*)
Rodrigo de Oliveira Andrade (*Repórter*)
Jayne Oliveira (*Redatora*)
Renata Oliveira do Prado (*Mídias sociais*)**RÁDIO Pesquisa Brasil**Biancamaria Binazzi (*Produtora*)**COLABORADORES** Daniel Almeida, Daniel Bueno, Evanildo
da Silveira, Everton Lopes, Fabio Otubo, Igor Zolnerkevic,
Larissa Ribeiro, Marcelo Cipis, Paulo Lumatti, Veridiana
Scarpelli, Valter Rodrigues, Yuri Vasconcelos**É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DE TEXTOS E FOTOS SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO****PARA FALAR COM A REDAÇÃO** (11) 3087-4210
cartas@fapesp.br**PARA ANUNCIAR** Midia Office - Júlio César Ferreira
(11) 99222-4497 julinho@midiaoffice.com.br
Classificados: (11) 3087-4212 publicidade@fapesp.br**PARA ASSINAR** (11) 3087-4237 assinaturas@fapesp.br**TIRAGEM** 29.600 exemplares**IMPRESSÃO** Plural Indústria Gráfica**DISTRIBUIÇÃO** DINAP**GESTÃO ADMINISTRATIVA** INSTITUTO UNIEMP**PESQUISA FAPESP** Rua Joaquim Antunes, nº 727,
10º andar, CEP 05415-012, Pinheiros, São Paulo-SP**FAPESP** Rua Pio XI, nº 1.500, CEP 05468-901,
Alto da Lapa, São Paulo-SPSECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CARTA DA EDITORA

Visita à pré-história brasileira

Alexandra Ozorio de Almeida | DIRETORA DE REDAÇÃO

O fascínio sobre a morte é possivelmente uma característica atemporal da humanidade. Uma maneira de o homem lidar com a própria finitude é entender como as gerações anteriores cuidaram de seus mortos, o que por sua vez significa entender como viviam e enxergavam o mundo.

Pesquisas recentes baseadas em escavações ainda em andamento no sítio arqueológico da Lapa do Santo, na região de Lagoa Santa, MG, oferecem um amplo retrato sobre os costumes funerários dos povos que viveram na região entre 12 mil e 8 mil anos atrás. O período, que antes era considerado homogêneo em termos de ocupação humana, mostrou-se dividido em três culturas bastante distintas. Cada uma apresentou padrões de sepultamento complexos, com rituais ligados à morte que seguiam regras precisas, mostra a reportagem de capa desta edição (*página 16*).

A riqueza arqueológica do conjunto de sítios de Lagoa Santa tem sido estudada para responder a perguntas diversas, formuladas no decorrer dos anos. O projeto multidisciplinar hoje em andamento na Lapa do Santo procura contribuir para a explicação dos modos de vida desses povos. O potencial da região é conhecido desde o século XIX, quando o naturalista dinamarquês Peter Lund descobriu ossos humanos associados aos de grandes animais. O problema de então dizia respeito à possível coexistência dos hominídeos com a megafauna que habitou o continente. Depois, os resultados das escavações foram usados para tentar entender o processo de povoamento da América. O crânio de Luzia, de aproximadamente 11 mil anos atrás, escavado na Lapa Vermelha na década de 1970 por uma missão franco-brasileira, permitiu ao bioantropólogo da USP Walter Ne-

ves propor que o continente teria sido ocupado não por uma, mas sim por duas levadas distintas: uma com morfologia mais parecida com a dos africanos e aborígenes australianos, e outra parecida com a dos asiáticos, dos quais descendem os índios de hoje.

O principal interesse da arqueologia é a cultura material. Como exemplo, a diversidade de adornos em peças de cerâmica escavadas revela muito sobre a vida de seus donos. As variadas formas de viver resultam em modos diferentes de ver o mundo, por sua vez representadas nos ritos e nos objetos, a principal evidência dos povos antigos a que temos acesso. Nos trópicos, artefatos orgânicos, como de palha e madeira, podem não sobreviver para se tornar objeto de estudo. No sítio da Lapa do Santo, os complexos ritos de sepultamento encontrados não estão acompanhados por adornos ou objetos sofisticados. Sofreram decomposição ou nunca existiram? É uma de muitas perguntas que as equipes atuais e futuras procurarão responder.

Foram objetos e restos de comida deixados por antigos habitantes do litoral fluminense em um período um pouco mais recente (5 mil anos) que permitiram a pesquisadores entender os hábitos alimentares desses ameríndios. Os sambaquis, vestígios arqueológicos também relacionados com práticas funerárias, são registro da dieta daqueles habitantes. Pesquisa reportada à página 22 mostra que esses pescadores-coletores pré-colônias tinham uma atividade de coleta de peixes muito desenvolvida e diversificada. Os indícios da pesca excessiva ou de espécimes muito jovens de peixes como corvinas e tubarões sugerem que a prática possa ter representado a primeira ameaça significativa aos estoques naturais dessas populações marítimas.